

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

5.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO, 1 DE DEZEMBRO DE 1881	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) ESTRANGEIRO		N.º 17
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700		Semestre.....	1200	
	Anno.....	1400		Anno.....	2400	
			ESCRITORIO—RUA DA RAINHA N.º 95			

Simão da Costa Neves

Reproduzimos hoje o retrato de Simão da Costa Neves, o benemerito bombeiro da companhia de incendios de Villa Nova de Gaya, que a Real Sociedade Humanitaria condecorou no dia 28 do corrente com a medalha d'ouro, merecidissima distincção que se estendeu ao bravo Maio da Póvoa de Varzim e a SS. MM. El-Rei e a Rainha.

Muito desejavamos publicar o retrato do valente Maio, mas não nos foi possível fazel-o n'este numero. Para outro será e brevemente.

O artigo que vae lèr-se transcrevemollo do nosso reputado collega *O Commercio do Porto* a quem pedimos venia pela transcripção.

«D'entre os homens que mais se têm assignalado pelos seus rasgos intrepidos de abençoada dedicação avulta, entre nós, com toda a justiça, o benemerito cabo da companhia de bombeiros municipaes de Villa Nova de Gaya, Simão da Costa Neves, que tem sabido sempre vêr, mais de perto e com mais enternecimento, o infortunio alheio, do que a conservação preciosa da existencia individual. Ha homens assim; parecem surdos a essa potentissima voz que se chama o instincto da conservação, mas têm o foco da sua existencia nas expansões latissimas e generosas do seu coração. Simão da Costa Neves é do numero d'esses valorosos campeões do bem da humanidade.

As fauces aterradoras de uma corrente alterosa das aguas não lhe fazem gelar o sangue vigoroso nas veias, batidas por tantas adversidades; o perigo nunca lhe embarga o passo na senda do bem; parece conhe-

cer uma só gloria, a gloria risonha de servir o semelhante; essa doutrina é o seu evangelho mais santo. Aos proprios filhos procura inculcar esse mesmo influxo de dedicação, que tantas vezes lhe grangeou as bençãos dos que soffrem.

Ainda elle hontem nos dizia, com a convicção firme de um soldado valoroso de uma causa justa, com a doce esperanza no futuro e com o desanimo de recompensas que, observava, pouco lhe aproveitam: «vou-me para o Brazil; já não posso viver aqui; só tenho pena dos meus pequenos; mas dous sabem lèr e sabem nadar.»

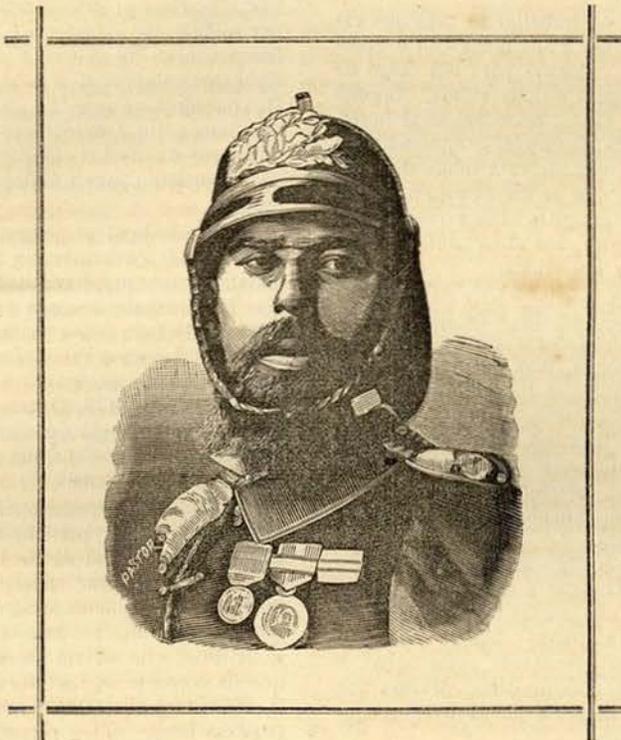
N'estas singelas palavras, com a sinceridade com que foram pronunciadas, traduz-se uma grande doutrina: lèr e nadar pôde definir um futuro.

O cabo Simão tem tido sempre o viver humilde que herdára de seus paes; não conheceu ainda o conforto que é cabido a todo o sacrificio humanitario; não viu ainda materializada a doce recompensa de quem faz o bem; mas tem tido o deslumbrante diadema de uma consciencia pura, tranquilla e conscia de que a causa da humanidade lhe deve algum serviço.

Seu pai, Manoel José da Costa, já fallecido e natural d'esta cidade, era mestre peliqueiro e pôde considerar-se como a

lição mais eloquente que Simão da Costa Neves recebeu na sua brilhante carreira da abnegação. As armas portuguezas encontraram sempre n'aquelle valoroso filho do Porto um dos mais audazes defensores de toda a causa justa, um soldado dotado d'essa energia de rija tempera que tornou preclaro o nome de muitos de nossos maiores.

A primeira quadra da existencia de Simão da Costa Neves traduz ainda o influxo da contemplação dos valiosos serviços prestados pelo pai na carreira das armas; quiz, effectivamente, Simão principiar por acolher-se debaixo das bandeiras da patria e crear um futuro



com a bravura de que n'esse campo da actividade era capaz de desenvolver. Esteve em varios regimentos na ilha Terceira e em Setubal; e fez parte da expedição enviada á India a fim de soffocar a revolta militar que se declarára na guarnição d'aquelle Estado.

Com o regresso a Portugal do batalhão de que fazia parte, terminou Simão da Costa Neves a sua carreira militar; pediu baixa e principiou a confiar mais nos esforços pelo trabalho, do que na sorte, sempre indecisa, das armas; quiz trabalhar para si, servindo ao mesmo tempo os outros, quiz dar expansibilidade aos aureos sentimentos que lhe refulgiam no coração, e hoje pôde ufanar-se de que, esquecendo um usual utilitarismo, subiu até esse throno de beneficencia em que a mais doce recompensa é a benção reconhecida do applauso sincero da patria.

Simão poderia achar trabalho em uma officina, na lavoura, em muitos dos ramos da industria humana; mas não; foi a sorte que se encarregou de o arremessar para junto d'esse elemento em que elle creou a sua fama; foi ella que o aproximou da agua; porque ali veio encontrar as phosphorescencias do seu bom nome. Dedicou-se a trabalhar a bordo dos vapores e nos barcos de passagem, n'uma lufa pesada e mal remunerada. Esse era o seu destino.

Mal se tinha alistado no trabalho ao lado dos valerosos leões do mar, e logo a sua dedicação e grandeza de alma teve de ser chamada para um rasgo de bravura. Passava na Corticeira e dous vultos, Antonio dos Santos e Eduardo da Costa, debatiam-se já horriavelmente com a morte; Simão sente-se apossado por uma força indomavel que o chamava á senda do bem; e, destemido como o cego que permanece no cairal do abysmo, sulca rapidamente as aguas e lança o seu corpo, como boia de salvação segura, aos dous naufragos que a corrente acolhera na sua impavidez.

Depois d'este facto a existencia do cabo Simão não tem sido senão composta de uma serie ininterrupta d'essas conjuncturas amedrontadoras para todos, horribéis para quem as contempla, mas que no peito valeroso de um osado philantropo têm tão sómente a vigorosa energia de fazer despertar os rasgos de dedicação que descem, como balsamo, sobre a existencia dos que soffrem. Depois d'aquelle esforçado testemunho de uma grande alma, o cabo Simão conta *quarenta e seis* actos identicos de heroicidade, em iguaes, se não mais difficéis circumstancias.

No momento de salvar alguém do perigo ou depois de expandir abençoadamente a sua muita generosidade, o cabo Simão tem não poucas vezes visto diante de si o espectro horrifico da morte; tem-se visto não poucas vezes arriscado a ser absorvido pelas aguas, e tem soffrido penosissimas enfermidades, devidas aos resfriamentos e outros accidentes a que as diversas conjuncturas têm dado origem.

Já depois de haver intrepidamente salvado 16 vidas, Simão da Costa Neves estava um dia junto a uma barraca de banhos, no lugar do Torrão, quando vê cair á agua, mas perto da margem opposta, dous individuos, Antonio Joaquim e Maria Rosa, naturaes do Douro, que vinham em um barco e se haviam travado de rasões.

Não pensou mais no serviço que tinha para fazer, não mais se recordou de que estava vestido e com o corpo quente; e desde logo, atravessando o rio em grande extensão, foi obstar ao ultimo arranco de dous naufragos, cuja vida a pouco e pouco se extinguia; primeiramente recolheu o homem, que sustentou o me-

lhor que pôde, e em seguida levantou a mulher, que, nos paroxismos de uma morte afflicta, já se lhe havia agarrado a um braço com um poder verdadeiramente herculeo, dilacerando-lhe por tal fórma as carnes, que o valoroso campeão das aguas ainda hoje se ufana de patentejar a honrosa condecoração que lhe ficou imposta no corpo, em uma profunda cicatriz. Apesar das dores agudas produzidas por esse ferimento, e apesar do peso incommodo dos dous corpos que rebocava, conseguiu depôr na praia, com o mais intimo regosijo, aquelles que acabava de restituir á vida.

A esse acto de verdadeira dedicação humanitaria sobreveio, porém, a natural consequencia de se haver lançado á agua quando o corpo estava bastante quente; teve tão horrivel padecimento nos olhos, que foi obrigado a recolher-se, quasi cego, ao hospital da Misericordia, d'onde depois sahiu para se ir sujeitar, em Braga, a uma série de dolorosissimas operações feitas pelo distincto especialista o sr. Alves Passos. Apesar dos esforços d'aquelle abaliso lo clinico, Simão ficou com uma nevoa na pupilla, que lhe impede consideravelmente a visão.

Foi mais tarde assaltado por uma prolongada e dolorissima enfermidade rheumatica, por motivo de se haver lançado precipitadamente á agua a fim de salvar um soldado de infantaria 6, que se debatia já nos ultimos transe da morte. Foi por este acto de heroicidade que conquistou a medalha da senhora D. Maria II, concedida ao merito, philantropia e generosidade; mas nunca viu remunerados economicamente aquelles dolorosos momentos em que se achou sem poder grangear o sustento para a mulher e para os filhinhos, ainda tenros.

Quando hontem perguntavamos ao cabo Simão se teria alguma circumstancia a acrescentar a uns ligeiros apontamentos que haviamos obtido, elle não esperou que lhe formulassemos a pergunta, para, desde logo, esquecendo todo o seu passado glorioso, principiar por nos referir, com o mais vivo e reconhecivel contentamento, a acção generosa que praticou por occasião de uma cheia em 1875. O heroe do Douro está tão intimamente convencido dos grande affectos que despertou por essa occasião, que nunca poderá olvidar esse lance da sua existencia.

Como se sabe, nas occasiões de maiores cheias é de uso estabelecer, por iniciativa da ex.^{ma} camara, uma prancha entre a rua de S. João e as escadas de cima do Muro da Ribeira; estava já collocada essa prancha quando, talvez por excesso do peso das muitas pessoas que transitavam, se desmoronou, cahindo ao rio 36 individuos, que seriam absorvidos no impetuoso resaque da corrente se não fóra o prompto socorro que lhes prestaram o cabo Simão e alguns companheiros. O nosso heroe saltou repentinamente á agua e desde logo trouxe para terra seis pessoas; com o contentamento de quem acaba de ser prestante, dispunha a retirar-se quando attentou internecidamente nas maguadas lamentações que erguia uma mãe, chorando a perda de um seu filhinho. Simão não considerou terminada a sua obra generosa, e, entrando de novo na agua, restituiu aos doces affectos da mãe a tenra creancinha que as aguas lhe roubaram, e cujo resgate ella lhes pedia com o mesmo fervor com que uma célebra italiana da Florença exclamava ao leão: «Restitue-me meus filhos.»

Ao contentamento da mãe alliou-se o entusiasmo das pessoas que assistiram áquelle generoso rasgo de

dedicação, e que proclamaram Simão como um «santo», um heroe, um novo pai para a creancinha salva.

A conjunctura mais difficil para a vida do cabo Simão foi aquella em que, preparando-se, ás duas horas da madrugada, para acudir a um incendio, e estando já completamente fardado com capa de oleado e botas de agua, se lançou sem detença ao seio da corrente para apreciar a origem de um estrondo que lhe assumira aos ouvidos e que elle desde logo suppozera o de um corpo cahido na agua. Effectivamente, as suas suspeitas tinham fundamento, e o cabo Simão conseguiu, depois de porfiosa lucta com a agua, lançar a mão a um aguadeiro que já pouco se sustentava á superficie do rio. Praticou essa acção essencialmente humanitaria, e nem por isso deixou de prestar o seu valiosissimo serviço no incendio que se declarou n'aquella noite verdadeiramente tempestuosa.

O ultimo salvamento dos naufragos que praticou o cabo Simão ficou-lhe assignalado com uma horrivel pneumonia que, tendo-o a principio em perigo, o deixou consideravelmente enfraquecido. Triste destino dos bravos!

Simão da Costa Neves tem tido já occasião de mostrar o quanto vale como bombeiro; o modo por que arrosta contra o incendio tem ficado já sufficientemente assignalado em diversos lances da mais encendrada dedicação.

Emfim, o cabo Simão é por muitos titulos um verdadeiro heroe, d'esses heroes cuja fama assenta em muitos e verdadeiros actos de heroismo, d'esses vultos que a patria venera com respeito.

Falta-lhe, porém, uma recompensa do seu civismo; até hoje nada mais lhe tem sido dado do que a condecoração a que acima nos referimos, duas medalhas da Sociedade humanitaria, e, superior a isso, o applauso eloquentissimo e estridente de todos quantos sabem comprehender a verdadeira generosidade.

Segunda-feira vai Simão da Costa Neves ter mais uma vez a consagração do seu heroico valor; vai receber das mãos de el-rei um penhor da grandeza de alma de um seu subdito humilde. Não duvidamos afirmar que o illustre chefe da monarchia portugueza, ao lançar os olhos sobre aquella physionomia energica e sympathica, distinguirá n'ella o quadro vivo de uma existencia toda de civismo e dedicação. Como alma altamente consagrada pelos rasgos de generosidade, el-rei não deixará de comparar o brilhantismo das façanhas com a sombra desconsoladora da existencia humilde do benemerito cabo Simão, e do não menos benemerito pescador Maio, que conta os annos da existencia pelas vidas que tem salvado.

S. M. El-Rei finda a sessão da Real Sociedade Humanitaria condecorou o Maio e o Simão com o habito da Torre e Espada cujas insignias lhe offereceu, convidando-os a ir no dia seguinte ao paço, onde a régia philantropia mais uma vez se assignalou.

S. M. El-Rei gratificou com 45\$000 reis o denodado Maio, estabelecendo-lhe uma pensão de 400 reis diários a contar do dia d'hoje. Outro tanto fez S. M. a Rainha para com o cabo Simão.

Bem hajam os reis que assim comprehendem a sua missão.

O fogo em Paris e na America

PELO CORONEL PARIS, COMMANDANTE DO REGIMENTO DOS SAPADORES BOMBEIROS DE PARIS.

(Continuado do n.º 16)

Material. — Bombas a vapor. — O uso exclusivo das bombas a vapor necessitando de engenhos muito moveis e susceptiveis de ser rapidamente postos em pressão, poseram-se de parte as grandes bombas chamadas de primeira classe, que tinham sido adoptadas em 1867, quando se organisou o serviço e que pesavam 4.077 kilogrammas. Foram substituidas pelas bombas n.º 2, egualmente da fabrica de Manchester (New Hampshire) e com o peso de 2.265 kilogrammas. Contém a caldeira 227 litros d'agua e são precisos cinco a seis minutos para se obter 1,36 atmosferas de pressão.

Tracta-se de substituir successivamente as bombas d'esta classe por bombas de 3.ª, mais ligeiras e mais facéis de manobrar, augmentando-lhe o numero.

Ha além d'isso algumas (cinco) bombas a vapor auto-moveis mas abandonou-se o seu emprego por causa do enorme consumo de carvão que se tornava preciso para uma pressão constante de 5 $\frac{1}{2}$ a 6 atmosferas para uma sahida immediata e tambem por assustarem os cavallos na via publica.

O emprego do telegrapho permittindo que uma bomba chegue ao local d'um incendio dois minutos depois de recebido o signal, procurou-se achar meio de ganhar os tres ou quatro minutos perdidos depois da chegada á espera da pressão necessaria, o que se conseguiu estabelecendo na caserna por debaixo da bomba um esquentador cuja agua communica com a da caldeira por meio de dous tubos de ferro guarnecidos d'uma torneira de triplice effeito. A agua da caldeira estando em ebulição no momento da partida, bastam dois minutos de fogo para que ella chegue á pressão necessaria. A separação da caldeira e do esquentador faz-se automaticamente pela mesma corrente que opera sobre a companhia d'alarme.

As mangueiras tem 0,06375 de diametro; o comprimento de cada lanço (meia guarnição) é de 15^m32. São de duas qualidades.

1.º *Malte cross* (cruz de Malta). — O tecido é formado de camadas alternadas de algodão e de *caoutchouc*. São as melhores mangueiras: o seu unico defeito é serem pesadas, 2 kil. 500 o metro corrente, ou seja 39 kil. 400 a meia guarnição. Supportam uma pressão de 27 atmosferas.

2.º *Mangueiras d'algodão* (lona) cobertas com uma camada de *caoutchouc*. — O peso do metro corrente é de 1 kil. 710, ou seja 26 kil. 270 por meia guarnição.

Cada companhia tem 30 meias guarnições (460 ^m); quinze acompanham a bomba ao fogo no respectivo sarilho, quinze são de reforço.

A agulheta com um orificio que varia de 0,006 até 0,025 pôde mesmo estar completamente fechada. As mangueiras e o recipiente estão ao abrigo de qualquer perigo d'explosão provocada por esta intermittença ou variação de jacto, por meio d'uma valvula adaptada ao corpo de bomba a uma pressão minima de 5

1½ atmosferas e permitindo a circulação no recipiente da agua quando a agulheta está fechada, como deve estar sempre quando se chega perto do foco, para evitar os estragos da agua quando ella se pôde dispensar para apagar o fogo. O excesso de pressão que então existe impelle um mergulhador contra uma mola que faz abrir a valvula, e a agua em vez de fazer pressão sobre a columna, circula no corpo de bomba. Se se torna necessario recorrer á agua, pode dar-se ao jacto uma grossura em relação com a intensidade do fogo.

Quando o machinista vê que o manometro marca para mais de 3 1½ atmosferas, conclue que a agulheta está fechada e affrouxa a marcha. Se, pelo contrario a pressão desce, é porque a agulheta está aberta e trabalha com força.

Outras agulhetas de diversos modelos são especialmente destinadas aos fogos de porão de navios e de subterraneos. A mais notavel é uma agulheta terminada por quatro orificios perpendiculares ao eixo ligeiramente curvos e que funciona como uma turbina com a pressão.

A aproximação das boccas d'incendio e o grande numero de bombas a vapor permitem reunir n'um só jacto, enorme e de muita força, por meio de junções especiaes e nos grandes incendios, a agua expellida por duas bombas.

Extinctores. — Em 1868, o extintor portatil de Babcock foi posto em serviço e collocado sobre os sarilhos e nas viaturas d'escadas. Os seus resultados satisfactorios trouxeram a adopção d'um modelo maior contendo 300 litros de liquido e tirado por cavallos, na razão de dois recipientes por viatura. Esses appa-relhos são reservados para a parte alta da cidade onde a agua dos encanamentos não tem bastante pressão. Na parte baixa da cidade só é utilisada a agua dos encanamentos.

O modelo portatil foi adoptado por varios estabelecimentos publicos ou particulares. «Mas convem não exagerar a sua importancia. Desde que o incendio começa a tomar certas proporções, seria loucura procurar combatel-o ou ao menos localisal-o com esses appa-relhos. Grandes incendios, que facilmente dominariam os socorros publicos se intervissem no seu principio, foram causados pela temeridade dos locatarios que procuravam estinguil-os em vez de os denunciar.»

Escadas. — As escadas á *crochets* dos sapadores bombeiros de Paris não poderiam ser empregadas em New-York por causa das portadas de ferro adaptadas ás janellas de todos os andares na parte baixa da cidade, onde estão os grandes armazens e depositos. Depois o enorme augmento do valor dos terrenos tem por consequencia a substituição das casas antigas, ao par e passo que estas desaparecem por construcções de seis e oito andares, que necessitam do emprego de escadas de dimensões excepçionaes.

«Alguns fabricantes apprehenderam a fabricação d'uma escada aerea composta de varias secções de corrediças podendo attingir uma elevação de 38 metros: até ao presente essas escadas não offerecem bastante segurança para as classificar no material da cidade, sobretudo depois da experiencia feita com a escada de M.^{me} Uda, invenção italiana previligiada, vendida á cidade pela somma de 125:000 francos de que o inventor só recebeu metade, pois que a outra metade a embolsou o sujeito que o protegia.

Esta especulação causou a morte d'um major e de tres bombeiros.

«Tinham-se feito experiencias para se assegurar a

sua solidez por meio d'uma corda amarrada no primeiro degrau, a 125 pés d'altura. Penduraram-se nove homens a essa corda sem outro resultado que não fosse uma flexão insignificante para o lanço superior. Á vista d'isso pareceu que a escada offerecia bastante garantia para permitir levar uma mangueira a 30 metros d'altura. Um major encarregado da experiencia, chegára a essa altura, seguido de tres homens escalados a distancias eguaes e que seguravam a mangueira, quando se houve um estalido. A escada girou sobre si mesma e em um instante os quatro homens estatelam-se no lagedo. Dois morreram logo: os outros dois não escaparam dos ferimentos que receberam.»

O systema d'escadas de M. Smith, de Bangar (Maine) deu resultados mais satisfactorios. Um modelo ligeiro, para os salvamentos, mede 18^m40; outro, bastante forte para supportar dous homens e duas mangueiras, mede 23 metros. Podem ser montadas n'um minuto por um piquete de cinco ou seis homens.

A escada de M. Hayes foi adoptada pela repartição dos socorros de San-Francisco (California); as experiencias feitas em Brooklyn e em New-York deram resultados satisfactorios. Tem de cumprimento 24^m50. Quatro homens arvoram-n'a em um minuto.

A escada de M. Skimer semelha-se muito á escada Uda, e, como ella, tem dado logar a numerosos accidentes. Em Joronto (Canadá) matou dous bombeiros.

O material d'uma companhia de escadas é composto como segue :

- 1 escada de 3 m. 60;
- 1 escada de 4 m. 50;
- 1 escada de 6 m.;
- 1 escada de 7 m. 50;
- 1 escada de 9 m.;
- 2 escadas de 10 m. 50;
- 1 escada de 12 m.;
- 1 escada de 12 m. 60, com acresciento de 10 m. 50;
- 6 ganchos de 1 m. 80;
- 6 ganchos de 2 m. 40;
- 3 ganchos de 4 m. 50;
- 2 ganchos de 6 m.;
- 100 pés de corda de salvação;
- 4 extinctores portateis de acido carbonico;
- 2 luses electricas com dous reservatorios d'oxigenio e d'hydrogenio;
- 2 alviões;
- 4 machados;
- 6 pás;
- 1 alavanca para arrombar as portas de ferro;
- 6 forcados;
- 1 sacco d'ar;
- 1 agulheta de quatro jactos moventes.

As escadas de 10 m. 50 estão collocadas de cada lado do estrada; as escadas de 12 metros a 12 m. 60 e o acresciento de 10 m. 50 estão collocados separadamente sobre rolos, para que se possa tirar mais facilmente a escada de que se vae servir-se.

Attrelagens. — As bombas a vapor, os extinctores de grande modelo e as escadas são condusidas ao local do sinistro por cavallos. Possui o serviço d'incendios 221 d'um preço medio de 1:500 francos cada um ou sejam 331:500 francos.

As coxias dos cavallos estão collocadas no fim da cocheira das viaturas que ahi estão dispostas sobre um estrada gigante.

Os cavallos estão industriados de modo a vir collocar-se por si proprios deante da viatura ao signal de fogo. O cabresto pelo qual estão retidos na coxia está preso a esta ultima por uma molla que communica por meio de varas articuladas e d'um escape de contrapeso, com o martello do tympano telegraphico.

Quando o martello dá o signal d'alarme, o contrapeso baixa, a molla abre-se e o cavallo vem immediatamente collocar-se no seu lugar. Um engenhoso sistema, devido a M. Sillivant de S. Francisco, permite conservar, por meio de contrapeso, os arreios suspensos por cima dos dous lados da lança ou dos varaes. A atrelagem faz-se deixando cahir o arreio, fechando a colleira, apertando o ventrilho e prendendo á camba do freio as redeas já seguras na boleia da viatura. Em quanto a atrelagem se faz, o cocheiro sobe á almofada, e porta abre-se e a bomba está prompta a partir alguns segundos depois do signal.

Os cavallos são passeados a passo uma hora por dia (e substituidos bem entendido) por parellas de reforço. Facilmente se concebe que uma vez industriados estes intelligentes animaes, conservados n'um grande estado de vigor e saude reconhecem e acolham com alegria o signal que lhes permite uma carreira a galope e venham collocar-se d'um salto no seu posto logo que esse signal se faz ouvir.

(Continua).

O incendio em Pernambuco

A cerca do grande incendio em Pernambuco que levamos noticiado no nosso ultimo numero, eis alguns pomenores.

«Houve ante-hontem um grande incendio na rua do Commercio, freguezia do Recife, ardendo totalmente a parte anterior dos grandes sobrados de um andar, n.º 3, 5 e 7 ficando damnificada a mesma parte do sobrado n.º 9 e do palacete da Associação Commercial Beneficente, que é a casa n.º 1 d'aquelle quarteirão.

«Os predios incendiados, como outros no mesmo correr até o n.º 15, são compostos de dois edificios distintos: um dá para a rua do Commercio e outro para o lado do mar, sendo ligados ambos por um passadizo que atravessa um saguão.

«No andar terreo das casas incendiadas com as partes correspondentes ao mar, tinha armazem de assucar o honrado sr. commendador Luiz José da Silva Guimarães, que tambem occupava todo o andar superior do predio n.º 3. onde, na parte queimada, tinha deposito de barricas vazias e saccos para o serviço do seu negocio, que é comprar e beneficiar assucar para exportação.

«O andar superior do predio n.º 5, parte queimada, era occupado pelo escriptorio da agencia Havas e no lado posterior estava o escriptorio da importante casa commercial brasileira, Silva Guimarães & C.ª

«Todo o andar superior do predio n.º 7, de um lado a outro, era occupado pela repartição do telegrapho nacional, e da mesma fórma o de predio n.º 9, é occupado pelos honrados negociantes, francezes, Au-

gusto Labille & C.ª, agentes dos vapores da companhia Messageries Maritimes.

«O fogo, segundo informações que obtivemos, manifestou-se no predio n.º 5 de onde se communicou aos outros, que lhe eram adjacentes.

«A sua origem é ainda ignorada; mas, geralmente attribuida a algum d'esses actos de desleixo tão commum entre nós.

«Não ha nenhum fundamento para se lhe dar outra origem. Só tarde fôra descoberto. A's 3 horas da madrugada, quando já lavrava com força, a vista da columna de fumo, que subia aos ares, e primeiro que se dêsse signal d'elle, e acudissem os escassos soccorros de que dispõem os nossos arsenaes de guerra e marinha, teve tempo sufficiente para se estender o dobrar de intensidade, alimentado pelo material, combustivel, por dizer assim, que encontrou.

«Muitos negociantes entre elles os srs. Beltrão Junior, Loyo Filho, Macedo, José Amorim, Luiz Duprat e Costa Moreira, acudiram em soccorro do palacete da Associação Commercial Beneficente e fizeram remover d'elle todos os moveis, lustres, caixilhos, tudo emfim que foi possivel tirar.

«O fogo chegou a attingir uma pequena parte da coberta d'este edificio no lado da frente e elle escapou de ser presa das chammas pela posição norte em que estava relativamente ao foco do incendio, pois era do seu lado onde soprava o vento.

«Avalia-se em duzentos contos de reis o prejuizo causado pelo fogo.

«O predio n.º 1, palacete da Associação Commercial, está seguro em 48:000\$000 na companhia *Indemnizadora* e réis 25:000\$000 na *Phenix Pernambucana*; o predio n.º 3, achava-se seguro por 45:000\$000 na *Indemnizadora*; o do n.º 5, por 40:000\$000 na mesma companhia; os dos n.ºs 7 e 9, por 40:000\$000 cada um, na companhia *Fidelidade* de Lisboa.

«Os armazens do sr. commendador Luiz José da Silva Guimarães achavam-se seguros, por vinte mil libras sterlinas n'uma companhia ingleza.

«Os srs. Silva Guimarães & C.ª, não soffreram prejuizo algum, e apenas o incommodo de uma mudança tão forçada e rapida: o seu escriptorio não está seguro.

«A agencia Havas soffreu perda total, salvo o dinheiro e alguns papeis importantes que estavam n'uma burra á prova de fogo, a qual foi tirada hontem das ruinas, encontrando-se tudo que estava dentro em regular estado.

O mais prejudicado, pôde dizer-se, foi o sr. commendador Luiz José da Silva Guimarães, que occupava os armazens das casas incendiadas e mais as dos n.ºs 9 e 11, pois bem que seja indemnizado do prejuizo que soffreu pela companhia em que os tinha seguros, ficou privado de accomodações tão importantes para o giro do seu largo negocio, e n'esta quadra, que é a da safra do assucar, em que negocia fortemente.

«A repartição do telegrapho terreste só perdeu um grande e pesado armario e o balcão que não se pôde despregar. Tudo o mais foi salvo, inclusivé o cofre.

«Apesar de voracidade do incendio salvou-se porção avultada de assucar, barricas, vazias, saccos e panos para estes e outros objectos.

As casas incendiadas pertencem, a do n.º 3 aos herdeiros do barão de Ourieury; a de n.º 5 ao sr. Manuel de Araujo Pereira Vianna residente em Lisboa,

a de n.º 7 ao sr. Elias Baptista da Silva, a quem tambem pertence a de n.º 9 que ficou um pouco danificada.

«Apesar do risco que correram as pessoas que denodadamente trabalharam na extincção do fogo, nenhuma soffreu cousa alguma, a não ser uma ou outra aranhadella.

«Algumas das casas fronteiras das incendiadas, correram bastante risco. A que é occupada pelo *English Bank of Rio de Janeiro*, ficou fortemente chamuscada do segundo andar para cima, e na da *Phenix Pernambuco* ateou-se o fogo na coberta, mas em tempo se acudiu.»

Varias noticias

Vae crear-se em S. Petersburgo uma direcção central de todos os corpos de bombeiros do imperio comprehendendo tambem os voluntarios. Projecta-se organizar-se um regulamento unico para todos esses corpos, convocando-se de vez em quando congressos para instituirem as recompensas que devem ser conferidas aos bombeiros que mais se houverem distinguido pela sua dedicação.

Foi destruido por um incendio, em Lovelial, a fabrica de fição de algodão de Gustavo Galland, de Rimerimont. As perdas cobertas pelo seguro orçam-se em 81 contos.

O nosso excellentec ollega d'esta cidade, a *Folha Nova*, reproduzia no seu numero de 21 do passado, o retrato do bemquisto ajudante do inspector geral dos incendios, o sr. Joaquim de Souza Loureiro.

Acompanhavam o retrato algumas palavras de bem merecido louvor.

Um telegramma do Chili, recebido pela via dos Andes, transmite que as perdas resultantes do incendio da alfandega de Valparaiso são muito consideraveis.

O valor das mercadorias incendiadas eleva-se a uma somma importantissima, e uma parte do edificio ficou destruida.

PELA PROVINCIA

GUIMARÃES

A camara municipal de Guimarães resolveu gratificar com o salario correspondente a uma revista os bombeiros municipaes que prestaram serviços por occasião do sinistro occorrido na rua de Gil Vicente e con-

signar um voto de louvor aos bombeiros voluntarios que prestaram relevantes serviços por occasião do sinistro occorrido na mesma.

VIZEU

No dia 17 do passado, nas Poças, suburbios da cidade de Vizeu, um incendio damnificou consideravelmente uma casa.

O digno commandante dos bombeiros municipaes o sr. José de Salles Mendonça e Silva ficou bastante contuso bem como mais dous individuos. Todos porém vão em via de completo restabelecimento.

PENAFIEL

No domingo de tarde reuniu-se a corporação de Bombeiros Voluntarios d'aquella cidade, e resolveu, caso se realise a viagem de suas magestades á Regoa, ir com todo o material de incendios, cumprimentar á estação de Novellas a regia comitiva.

Na mesma reunião deliberou a mesma corporação festejar, na proxima sexta feira, a chegada do carro de material de incendios encommendado no Porto.

Para este fim foi nomeada uma commissão.

Os festejos constarão de embandeiramento desde a praça Municipal até ao Calvario, illuminação no edificio da camara e casa da bomba, musica e foguetes.

A commissão nomeada fez um appello aos habitantes de Penafiel, a fim de abrilhantarem tão sympathica manifestação, illuminando as suas habitações.

BRAGA

No dia 24 do corrente, deram as torres d'aquella cidade signal de incendio que se tinha manifestado em um palheiro que existe em um cazebre velho nas trazeiras do theatro de S. Geraldo.

Um pobre cocheiro que ali vivia perdeu tudo quanto tinha. Os outros moradores pouco soffreram.

A primeira bomba que compareceu foi a dos voluntarios.

REGOA

Completo-se no dia 28 do passado, o primeiro anniversario da Associação Humanitaria Bombeiros Voluntarios do Peso da Regoa.

Querendo celebrar esta data, de um modo condigno, os bombeiros voluntarios distribuiram, pelas 3 horas da tarde, na estação das bombas e material, um bódo a trinta pobres d'aquella villa, e uma esmola, em numerario.

De manhã, uma philarmonica tocou diferentes peças, e lançaram-se grande numero de foguetes.

Incendio no mar

Por motivo que não está ainda bem averiguado, declarou-se incendio a bordo do vapor *Solveay*, que ia de Glasgow para Bristol, com carregamento de azeite,

rhum, assucar, etc. Quando o casco arribou a Kingstown, trazia a bordo 19 homens de tripulação e 14 passageiros; o mastro da mesma e a parte dianteira da coberta estava queimado; a um canto do couvez viam-se seis cadáveres carbonizados, suppondo-se que pereceram tambem mais cinco pessoas.

Um barril de naphtha, que rebentou e se incendiou foi a origem do incendio, que se desenvolveu com extraordinaria rapidez, sendo promptamente invadida a dianteira do navio pelas chammas, no seio das quaes pereceram alguns passageiros. No primeiro momento, apoderou-se do coração de todos um terror indizível, que era ainda augmentado pela furia da tempestade, erguendo alterosas as ondas como montanhas gigantes-cas.

Promptamente se lançou ao mar um bote tripulado por cinco pessoas de que não ha noticia. O resto da marinagem foi chamada pelo capitão a atalhar o incendio, e pelos esforços denodados de todos conseguiu-se dominar o terrível elemento. Já de noute, e havendo sempre proseguido na viagem, descobriu-se o porto de Kingstown, onde o clarão das chammas fez com que um barco de piloto fosse rebocar o vapor incendiado para dentro do abrigo.

Foram immediatamente transportados ao hospital alguns dos passageiros e marinheiros, gravemente queimados, e um dos feridos succumbiu no dia seguinte. Algumas informações que se têm por seguras affirmam que se eleva a quatorze o numero total das victimas.



INCENDIOS NO PORTO DE 15 A 30 DE NOVEMBRO

15 de novembro.—A's 41 horas e meia da noite. Rua da Duqueza de Bragança n.º 124. Propriedade de Monteiro Guimarães, occupada por Cypriano Gomes. Principio de incendio por uma explosão de gaz no contador dominado pela gente da casa. Os prejuizos limitaram-se ao contador que ficou destruido. O predio tinha seguro na Fidelidade. Compareceu o pessoal e material da circumscripção e o dos bombeiros voluntarios, chegando em primeiro logar a bomba municipal n.º 6.

28 de novembro.—A's 3 horas e meia da manhã. Rua do Wellesley n.º 56. Propriedade de Melchior Solá occupada pela fabrica de lumes de cera de Mattos & C.º

O fogo que a pouco estendeu os seus estragos foi extinto pela gente da casa e pelos visinhos não sendo necessaria a intervenção do pessoal e material de incendios voluntario e municipal que de prompto accorreu ao local.

Chronica quinzenal

A vinda de suas magestades a este Porto leal e honrado, veio pôr uma nota festiva e buliçosa n'esta terra illustre. E' que «a leal cidade d'onde teve origem, como é fama, o nome de Portugal», respeita e acata reverentemente os seus monarchas, representantes legitimos d'essa instituição a que se prendem gloriosis-

simas tradições de sete seculos. A cidade do Porto, theatro das heroicas façanhas dos valentes que combateram pela liberdade da sua terra, é essencialmente monarchica, e sel-o-ha sempre, enquanto a monarchia, como a actual, satisfizer aos desejos do povo. O momento historico para uma transformação politica, ainda não soou. Mudar agora a fórma politica de Portugal, seria rasgar as brillantissimas paginas da nossa historia, destruir, uma por uma, todas as acções de heroismo e bravura que Camões cantou. A mudança de fórma governativa implicaria immediatamente a perda da nossa nacionalidade, e nós queremos ser sempre portuguezes.

Podem os defensores da ideia anti-monarchica produzir argumentos excellentes e desenvolver demonstrações larguissimas; podem accusar a realza, tornal-a cúmplice de crimes imaginarios, attribuir-lhe peccados, que a luz da historia não descobriu d'uma maneira clara; podem fazer-lhe tudo, que a grande massa do paiz é monarchica, respeita as instituições, e acata os seus reis, que representam perfeitamente a monarchia democratica. N'este ponto não temos rasão de queixa. Ha chefes de republicas que vivem com mais fausto do que os nossos reis. Todos sabem que el-rei vive burguezmente, lendo os seus jornaes, escrevendo as suas traducções, fazendo musica, como um distinctissimo amator que é, recebendo todas as pessoas, conversando com ellas sobre os nossos costumes, as nossas tendencias, os nossos litteratos, os nossos artistas. E' um rei perfeitamente democrata, livre de todas as affectações, despreoccupado d'estas etiquetas massantes, que produzem dôres de cabeça e determinam enjoos.

Da rainha, todos conhecem as excelsas virtudes que adornam aquelle adoravel coração de mulher. O seu empenho constante é saber onde ha privações, para as aniquilar. Metade da população de Lisboa deve-lhe o sustento, o pão, a vida. Anjo de caridade lhe chamam os desvalidos, e rasão teem de sobejo para a cognominarem assim. O povo é sempre bom, é sempre agradecido. Aos que lhe enxugam as lagrimas, dá-lhes sempre um pedaço da sua alma. Nunca se disse nem dirá que o povo não adora os que o beneficiam. O povo honrado e simplez, note-se, não a canalha, que acclamava hontem o Christo, e pedia no dia seguinte que o crucificassem. Essa classe de bandidos, fórma uma sociedade à parte, a sociedade dos ingratos, dos perdidos, que mordem a mão amiga que se lhes estendeu em hora amargurada. D'esses não rezam as chronicas da honradez.

O povo portuguez estima os seus reis, porque vê n'elles os defensores e os representantes d'uma nacionalidade que não será facil destruir.

E' por isso que a recepção feita aos reis de Portugal foi magestosa e significativa. Pode dizer-se que a cidade do Porto toda se empenhou em manifestar aos reaes visitantes a sympathia e a consideração que lhes vota. A recepção foi imponente; a cidade apresentava uma physionomia de satisfação completa; nas ruas, vistosos embandeiramentos, musicas, adornos magnificentes, que punham em tudo uma nota viva de contentamento. De noite accenderam-se illuminações vistossimas, que a chuva prejudicou alguma coisa.

Suas magestades e altezas tiveram novamente occasião de conhecer a lealdade e os sentimentos monarchicos do povo portuense. O povo, agglomerado nas ruas, acclamou os seus monarchas com o vivo entusiasmo de portuguezes verdadeiros; das janellas, as senhoras atiravam pombas e flores sobre o trem real, e durante

o trajecto, a alma popular expandia-se em calorosas e sinceras demonstrações de jubilo.

A familia real tem sido objecto das maiores considerações. Visitaram diferentes estabelecimentos, assistiram a espectáculos em sua honra realizados nos theatros d'esta cidade e devem assistir ainda a outras festas que se preparam para obsequiar os nossos reaes hospedes.

Uma das solemnidades que se esperavam, brilhantissima e magestosa, era a que organisava a Sociedade Humanitaria para a distribuição dos diplomas e medalhas aos individuos que mereceram esta distincção, ou pelos seus serviços ou pelos seus feitos valorosos.

Nós bem quizeramos descrever essa solemnidade; não o fazemos, em face da desconsideração que a commissão d'aquella sociedade atirou a toda a imprensa. Entre nós, a imprensa jornalística recebe constantemente desconsiderações de toda a ordem, sem que ella proteste com a energia que deve ter; cala-se, curva-se, para não desagradar aos seus assignantes, aos individuos com quem está em relações commerciaes. D'ahi o nenhum respeito que se lhe vota; pois se ella se cala deante de todos os despresos, se os *jornaes sérios*, apertam ainda a mão de quem os desconsidera, que attentões podem merecer e que respeito podem inspirar?... A culpada é ella, a tal imprensa de formato grande; convertendo-se em objecto de negocio, não pôde ser considerada como uma instituição. Sendo um estabelecimento, onde se mercadeja, não pôde ser olhada como uma das mais radiantes expressões da civilização moderna. Assim se considera a imprensa, e por isso mesmo a desconsideraram.

A Sociedade Humanitaria não designando logares aos jornalistas, e mandando-os embora por um dos seus encasacados, commetteu uma d'estas desconsiderações gravissimas, que toda a imprensa devia levantar immediatamente. Pois não o fez, e apenas dois ou tres jornaes protestaram; os outros, os taes jornaes grandes, desfizeram-se em contumelias a quem nenhuma importancia lhes ligou, a quem os excluiu da sua festa.

Procedem muito bem; se se desprestigiam assim, como querem ser respeitadas?... Se se não consideram a si, como querem que os outros os considerem?... Se se sujeitam a estas desfeitas, como podem impôr-se?... Se não são dignos e independentes, como querem ser olhados com acatamento?...

Não pôde ser assim, com franqueza. Mais nobreza, pedimos nós. Se succedesse em Lisboa este acontecimento, a imprensa unir-se-hia para repellar a affronta. Aqui enguliram-a. Oxalá que a digestão não seja trabalhosa!

Excluída a imprensa d'aquella solemnidade, nada podemos nós dizer do que lá se passou. Disse-nos alguém que discursára o sr. D. Americo, mas não nos pôde declarar o que sua eminencia disse. O sr. de Moser leu depois uma massada extraordinaria, mais perigosa de que uma bomba Orsini, o que deu logar a que alguém pensasse que o sr. de Moser, nihilista á ultima hora, pretendia matar o rei... com o seu discurso estopante. O rei e a rainha aguentaram a buxa, mexendo-se nas suas poltronas; o publico, conversava e riase, lastimando a sorte da familia real, obrigada a supportar aquelle martyrio.

Distribuíram-se depois medalhas e diplomas. El-rei, entregou aos valentes Maio e Simão da Costa Ne-

ves as medalhas da Humanitaria e condecorou-os depois com a Torre e Espada, premiando assim o valor, a lealdade e o merito d'aquelles dois honrados filhos do povo. El-rei procedeu muito bem, patenteando assim toda a grandesa da sua alma generosa.

Muitos vivas, musica, *toilettes* deslumbrantes, casacas mais ou menos brilhantes, fardas espectaculosas... e cá fóra, um lamaçal medonho, e a chuva fria do noroeste a açoutar cruelmente quem ia procurar o seu trem.

Mas... adeante.

O theatro Baquet, bem lavado e bem adornado, abriu ultimamente as suas portas, com o drama do amaneirado e afidalgado Feuillet — *A vida d'um rapaz pobre*, cujo desempenho, se não foi dos mais correctos, não foi tambem dos mais incorrectos!

O reaparecimento do actor Soller foi saudado com uma ovação estrondosissima, como ha muito se não presenciera. Quando o distincto artista, ha tanto afastado da scena, appareceu para dizer uns adoraveis versos de Henrique Marinho, a ovação estrondejou, unisona, entusiastica.

Em honra do illustre artista distribuíram-se umas quinze poesias, d'entre as quaes se apartam apenas duas — a de Raul Didier e a de Claudio Ruivo, d'onde se conclue que temos mais patetas de que poetas.

A *Morgadinha de Valflo*, aquella empada romantica, perpetrada por Pinheiro Chagas, — um radiantissimo talento —, continuou a agradar.

Temos a fazer uma observação ao actor Alvaro. A sua declamação é tam monotona, tam emphatica, que chega a ser lugubre, funerea. Não poderia o distincto artista eximir-se a este peccadò que tanta o prejudica?...

O *Palhaço*, um excellente drama de Ennery, representou-se outra vez; n'esta peça tem o actor Soller um papel trabalhosissimo que desempenha com uma grande correção artistica.

A *Falsa Adultera*, cuja *reprise* se fez ha dias, agradou muito, pelo desempenho irreprehensivel que lhe dão todos os actores.

No Principe Real, em consequencia da doença que accommetteu a intelligente e estimada actriz Amelia Garraio, foi retirada temporariamente da scena a opera comica *A mascotte*.

Desejamos o breve restabelecimento da sympathica artista.

No theatro de S. João realisou-se um espectáculo de gala dado pela companhia da actriz Emilia Adelaide em beneficio d'um hospital para creanças.

A commissão encarregada de dirigir os trabalhos da recita, não teve a attenção para conosco de nos mandar um bilhete. Paciencia. Foram 15200 reis que poupamos, porque tractando-se d'um acto de caridade, não accetariamos o bilhete sem o pagar. Que se registre isto.

E como são horas, vou vestir a minha casaca grave das solemnidades officiaes para assistir ao baile da Associação Commercial. Até depois, meus senhores.

Porto.

F.